

A ordem construtiva com seus discursos não esgota o entendimento dessas esculturas. Alguma coisa a ultrapassa. Não adianta buscar o modelo, a fórmula, uma norma, a redução positivista em novos cálculos ou novas geometrias. Uma outra ordem está presente.

Trata-se da ordem do corpo e, no entanto, num momento a luz irá eclipsá-la.

No campo visível imediato a aparência trabalha a luz. Na superfície tensa da matéria, relevos e esculturas transformam-se, movimentam-se. Uma inteligente incorporação da luz que condiciona a existência de qualquer trabalho de arte. Elemento exterior, aqui vem habitar o interior da construção. Não só condiciona; constitui o trabalho. Num certo sentido a luz está para os trabalhos de Sergio de Camargo como o soprar do vento para os móveis de Calder.

Mas a superfície - esse jogo na aparência - não é todo o trabalho do mármore. Essa matéria trabalha alguma coisa através do branco, das curvas, dos ângulos, da inteligência construtiva da forma. A superfície é a cena onde atua esse outro elemento invisível. O olhar sabe sua existência. O olhar possui esse conhecimento estranho porque o método de Camargo o introjetou e o elaborou enquanto momento do trabalho. A densidade é esse momento e seu modo de estar presente nessas esculturas é índice do lugar preciso onde projeta sua modernidade.

Se a luz é o exterior incorporado, a densidade da matéria vem a ser um interior que se exterioriza. Mas o empirismo míope reduz a questão da densidade à massa física, ao objeto: seus cortes, suas figuras, suas formas, sua estética. Alheio ao fenômeno, o assimila como um conjunto de dados. A densidade é

esse conjunto, mas também outra coisa. Uma coisa que devolve ao olhar atento aquilo que ele não pode ver. Além dos dados empíricos do material a densidade instaura a ordem do corpo. Uma espécie de respiração mantida suspensa é exteriorizada mas não vem ocupar a superfície. Está presente sem se evidenciar. ~~(O empirismo não vê: anula o corpo, esse corpo que não cabe nas proposições, na lógica de suas deduções.)~~

É claro, faz-se uma analogia com a fisiologia. Mas não apenas isso. Estamos, olhando esses trabalhos, no interior do corpo, como na escritura através da pontuação da frase. Houve quem dissesse que a pontuação era a base da metafísica, et pour cause. A leitura respira a duração pela pontuação, ^{vai encontrar-se na} o olhar pela densidade corporificada. É no instante em que suspende o fluir da palavra que a densidade toma corpo, evidencia sua presença na frase no momento em que se ausenta. São conhecidos os silêncios nas composições de Beethoven, os abismos de sua harmonia. As súbitas interrupções, os cortes, as delimitações formais da matéria, suas torções expõem no mármore um tempo condensado pelo trabalho. Nessas esculturas existe algo mais que uma sintaxe. Esse é o caminho que nos leva à percepção ^{de sua presença invisível} dessa presença invisível, esse tempo produzido pela densidade irreduzível a dados empíricos. Certamente Kant passa por aí, ~~mas depende de qual deles,~~ Bergson também. Um repertório de formas e uma gramática, sozinhos, têm muito pouco a dizer sobre essa linguagem.

Sergio de Camargo talhou Carrara à maneira do ser. Daí, talvez a empatia entre o material e o trabalho: essa identidade construída. Daí essa respiração (densa) sob controle. Os músicos a conhecem. Ela não pode ser sempre a mesma. A cada nota uma sutil variação. Mas é esta que se encontra na base da diferença.

As esculturas fixam esses momentos, essas notas bem colocadas, vozes exatas de uma ansiosa precisão, asfixias congeladas no inteligente jogo construtivo para demonstrar a duração. Essa densidade móvel, suspensa, essas figuras do grito, fragmentos organizados, às vezes se superpõem e se disfarçam (decorativos). E esse outro lado tranquiliza e pode deixar passar (desapercebido) o embate silencioso que suporta até a mais simples das combinações. Pacificadas, denegam os seres tensos que escondem. Mas assim mesmo sente-se que estão envolvidas por algo. Podemos possuí-las bem arrumadas num canto, podemos transformá-las em objeto de História - aí elas se tornam rigorosas e satisfazem também. Mas não importa onde - nas salas, jardins, museus ou nos textos - essas esculturas permanecem problemáticas. Pelo o que elas nos mostram e pelo o que elas nos escondem. Elles ne vous mènent pas à vous tromper, elles vous attirent à errer. *diverger - réver*

Paulo Sergio Duarte
Rio, janeiro de 1982

Para o Gerardo
com o carinho
do amigo

Paulo Sergio
Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1982

embate -
combate